

Queimados: uma revolta na história da Serra

No ano de 1849 explodiu no Espírito Santo a revolta de Queimados, município da Serra que deveria restituir ao negro a liberdade. A rebeldia individual, os assassinatos, as fugas e os pequenos motins que irrompiam nas fazendas, lentamente, assumiam proporções coletivas — alimentando-se na insatisfação geral e simultaneamente preparando os espíritos para a luta.

Era a repulsa violenta ao trabalho servil e a exploração, e finalmente a recusa corajosa da condição sórdida de escravos privados de todos os direitos humanos e civis e merecendo o tratamento de animais.

Os revolucionários haviam marcado o dia 19 de março, ocasião em que se festejava São José, padroeiro da freguesia, para deflagrar a insurreição. Os escravos seriam declarados livres, durante a missa, e manteriam pela força a liberdade negada pelos senhores de engenho. Assim, armava-se o verdadeiro plano da revolta malograda de Queimados.

A insurreição de Queimados, ao contrário do que se pretende, não foi um acontecimento estanque dentro da história, nem constitui um comportamento incomunicável, no contexto nacional em que se produziu, mas se adapta perfeitamente ao rigoroso encadeamento dos fatos que geraram as condições objetivas para a sua eclosão.

A idéia da revolta, assim como a sua preparação e execução, revelam-se como três momentos concretos e nítidos. É falsa, portanto, a concepção de que a revolta de Queimados fosse um movimento eruptivo, originado exclusivamente por causas locais e identificado apenas vagamente com a época 1840-1850.

Uma análise cuidadosa demonstra que este episódio se liga diretamente ao conjunto da vida nacional neste decênio. É interessante mostrar o acontecimento reconstituindo a Revolta de Queimados através de suas marcas características essenciais que não podem ser ignoradas, como também as causas propulsoras que a definem particularmente para depois situá-la dentro e um nainel mais complexo, emprestando-lhe seu verdadeiro sentido histórico.

Foram três os que primeiro obtiveram fardas, valendo-se do auxílio de uma mulher que residia em Porto de Engenho (antiga freguesia da Província do Espírito Santo). Um deles pertencia a João Pinto Santana, que foi vendido para outra província, como punição; o outro faleceu pouco depois, vítima dos castigos; e o terceiro, chamado João, escravo da viúva Monteiro, sobreviveu aos dois compa-



Centenárias, as construções serras são um testemunho de sua história. transportavam material destinado a construção da igreja.

O entusiasmo cegava-os, animados sobretudo pelas palavras de Elisiário, o depositário da promessa do frade. Este escravo desempenhou o papel mais importante na concepção da revolta, devido à sua aproximação do missionário, que lhe permitia funcionar como mediador, fazendo revelação em seu nome aos companheiros de cativo.

Foi Elisiário quem desnaturou o pensamento do frade, fixando o dia 19 de março, na festa de São José, o padroeiro da freguesia, para a solenização da liberdade dos escravos. Ele se aproveitara daquele antigo boato sobre as fardas, segundo o qual a rainha pretendia extinguir a instituição, fundido os escravos em soldados, e declarou aos insurretos que o frade Gregório secretamente lhe havia transmitido que a soberana, reconhecendo o auxílio prestado pelos escravos à causa da religião, havia prometido libertá-los no dia de São José — 19 de março.

Elisário acreditava que o impacto da decepção após uma espera tão prolongada exacerbaria o ânimo da população negra, determinando uma revolta coletiva. Nesta ocasião, executaria o plano, através do qual pretendia arrebatar pelas armas a liberdade dos escravos das mãos dos senhores de engenho.

Preparação

Havia fracassado o primeiro salto para a liberdade, tentado pelos escravos que pretendiam obter a liberdade vestindo as fardas de soldado, mas permanecia viva a esperança de

se instalariam nas fronteiras de Queimados, designada como centro de operações.

Na manhã seguinte, 19 de março, as hostes dirigidas por seus respectivos chefes marchariam para a vila e formariam um único exército. Proclamariam a liberdade dos escravos na igreja, durante a missa de São José, com o concurso do frade Gregório, que ainda ignorava a rebelião. Elisiário pretendia nesta ocasião incitar o religioso a assumir a direção do movimento, garantindo definitivamente sua unidade sob a autoridade da Igreja.

Contavam revoltar os companheiros de cativo com estas manifestações, e unidos deflagariam o ataque dos fazendeiros mais próximos, recrutando simultaneamente mais adeptos. Obteriam a liberdade, coagindo os senhores e assinaram a liberdade dos escravos que mantinham sob domínio. Usariam violência se opusessem resistência.

Elisiário propunha também que se divulgasse que a rainha desejava libertá-los agora, por intermédio do frade Gregório, já que tinha sido contrariada na sua aspiração de tomá-los soldados. Vitoriosos nesta singular campanha, celebrariam o triunfo de Queimados e avançariam em direção às outras "Freguesias".

Os mensageiros enviados com antecedência anunciariam a aproximação da coluna expedicionária e a subversão nasceria subitamente com sua chegada. Percorreriam rapidamente a província, deslocando-se com o máximo de rapidez, para escaparem à represália das autoridades.

Uma vez arrebata a liberdade, com as assinaturas dos senhores, frade Gregório reafirmaria a sua validade perante os escravos. Este era o plano de Elisiário. Simples mas destinado ao fracasso, porque avaliava indevidamente a extensão da empresa. Ele, apesar de mais inteligente que os seus companheiros, não possuía a perspicácia necessária para prever a possibilidade de uma intervenção federal, caso o plano fosse coroado de êxito.

Insurreição

Finalmente, chegaram as expedições, vindo do sul um contingente de 20 escravos; de São Mateus, o maior centro escravocrata da província, vieram dezenas de rebeldes, que se uniram aos da Serra, Viana e Itapoca, em menor número.

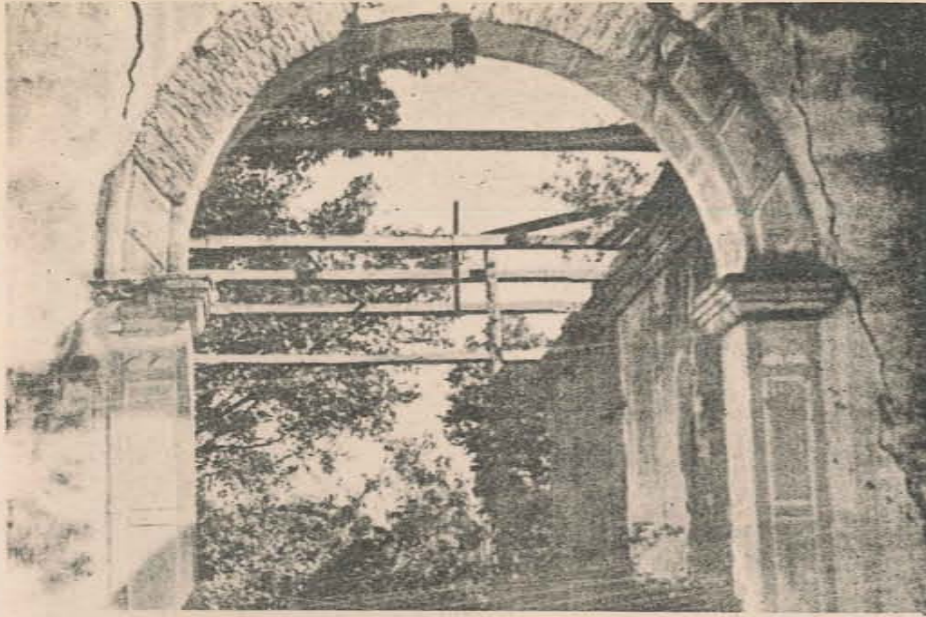
A coluna de São Mateus havia perdido mais de 100 armas com a precipitação e os acidentes da jornada. Em Queimados e em Viana extraviaram-se também outras quarenta espingardas e alguma munição.

Na noite de 18 de março estavam reunidos quase duzentos escravos na fronteira de Queimados, sob as ordens dos chefes expedicioná-



Em ruínas, a igreja de Queimados é um testemunho do trabalho escravo

Em ruínas, a igreja de Queimados é um testemunho do trabalho escravo



As ruínas da igreja de Queimados, cheias de mato, esperam uma possível restauração



Durante as refeições, os escravos tramavam a luta pela liberdade



As mulheres eram utilizadas em serviços mais leves, como a produção de açúcar

residência em Porto de Engenho (atiga freguesia da Província do Espírito Santo). Um deles pertencia a João Pinto Santana, que foi vendido para outra província, como punição; o outro faleceu pouco depois, vitimado pelos castigos; e o terceiro, chamado João, escravo da viúva Monteiro, sobreviveu aos dois companheiros de fuga e se tornou uma das figuras importantes da Revolta de Queimados.

Estes acontecimentos influíram decisivamente para que os revolucionários formulassem o plano de uma revolta armada. Atribuíam a continuação do cativeiro à inflexibilidade dos senhores, que se opunham à realização do compromisso da Imperatriz, e à vontade da Igreja. Estava acesa a chama da liberdade e os escravos lutariam para conservá-la.

Igreja

Nesta época estavam na Província dois frades italianos, encarregados da instrução do povo — Gregório de Bene, que construiu a igreja de Queimados; Civitella do Trento, edificador da igreja de Cariacica. Em seus sermões, estes religiosos condenavam violentamente a escravidão e combatiam o tratamento desumano que os senhores dispensavam aos escravos.

Gregório de Bene descrevia para os escravos a liberdade do povo europeu, onde os direitos individuais eram rigorosamente respeitados, e investia contra o cativeiro no Brasil. O frade italiano não era um homem culto, mas impressionava fortemente os negros e ignorantes da terra, devido a veemência com que incriminava a escravidão.

Certamente adivinhava que, solidarizando-se com o sofrimento daquela gente, seria melhor acolhido no meio deles, facilitando assim a sua missão de fundar a igreja na região e trazer todos da irreligiosidade para os fracos da fé. A palavra dos frades incitava-os também para a revolta, fermentando nas vítimas o ódio contra a instituição.

Ele não poderia imaginar que suas invectivas atiradas contra a escravidão serviriam a um movimento subterrâneo que se distendia gradativamente por toda a província e aspirava retomar a liberdade dos negros pela força das armas.

Sua participação na insurreição não foi consciente e tentou mesmo detê-la no momento de sua explosão. Prevalecendo-se da ignorância dos escravos e explorando suas esperanças, o frade Gregório contraiu, vagamente, o compromisso de libertá-los, se colaborassem na construção da igreja de Queimados.

Era uma promessa impossível de se cumprir, uma vez que lhe faltavam os poderes necessários para promover a redenção dos escravos, mas surtiu o efeito desejado pois opressou a construção do templo. Além dos dias santificados, aqueles homens retornavam ao trabalho nas noites de luar, e durante toda a madrugada

Preparação

Havia fracassado o primeiro salto para a liberdade, tentado pelos escravos que pretendiam obter a liberdade vestindo as fardas de soldado, mas permanecia viva a esperança de libertação. Logo após, realizaram-se as primeiras reuniões secretas, em diversos pontos da província, com a participação de Domingos Corcunda, João Pequeno, João da Viúva Monteiro e outros.

O pensamento da revolta era transmitido aos escravos e lentamente aliciavam novos adeptos. Os mensageiros cruzavam-se de norte para sul e inversamente, e a conspiração amava-se silenciosamente, nas veredas. A insatisfação e os gestos de rebeldia que desafiavam a tirania dos senhores preparavam o ambiente para uma insurreição.

Em Queimados, a edificação da igreja progredia rapidamente e enquanto isso, nas reuniões secretas, João da Viúva Monteiro insistia na necessidade de armas, recordando o episódio da punição do escravo Santana. Reiterava incessantemente os seus temores e demonstrava a oposição dos senhores à imaginária promessa do frade.

Elisiário, que havia deturpado as palavras do frade, inclusive para seus companheiros de luta, atribuindo-lhes uma participação que não possuía, reconheceu imediatamente a conveniência das armas. Calculava que a decepção causada pela frustração da suposta promessa do frade engendraria por si mesma as condições para uma revolta coletiva.

As primeiras armas foram adquiridas e posteriormente, em 1849, dezenas de fuzis foram distribuídos entre os rebeldes. A última reunião resultou na formulação do plano da revolta e na distribuição das tarefas entre os chefes da insurreição.

Elisiário tornara-se o mentor intelectual do movimento, devido a sua amizade com o frade Gregório — que emprestava influência decisiva às suas palavras, permitindo a imposição de sua vontade. Coube-lhe a missão de animar os associados, fazendo as revelações em nome do missionário.

João Pequeno recebeu a incumbência de agitar os escravos nas fazendas de Mangará e todas as outras pelo rio Santa Maria. Além disso, manteria os contatos com Elisiário, trabalho que mais tarde dividiria com Carlos, escravo do padre João Clímaco, após a sua adesão.

João da Viúva Monteiro incumbiu-se de congregar companheiros nas fazendas adjacentes de Queimados, e Francisco, apelidado Chico Prego, teve ordens de recrutar aderentes na Serra e suas imediações. Assim, detalhava-se o plano entre seus principais chefes.

Plano

No dia 18 de março, as colunas insurrecionais provenientes de diversos pontos da província — Serra, São Mateus, Itapoca, Viana —

de 100 armas com a precipitação e os acidentes da jornada. Em Queimados e em Viana extravariaram-se também outras quarenta espingardas e alguma munição.

Na noite de 18 de março estavam reunidos quase duzentos escravos na fronteira de Queimados, sob as ordens dos chefes expedicionários. Imediatamente foi organizada a distribuição dos guerreiros pelas fazendas mais próximas da Vila, com os chefes adotando todas as precauções para que as suspeitas não fossem despertadas. Na manhã seguinte estariam concentrados na igreja, no horário da missa.

No dia 19, Elisiário, Benedito, Eleutério e Carlos — subchefe da expedição confiada a João Pequeno — dirigiram-se para o local determinado na véspera. Havia aderido ao movimento, na noite anterior, João, escravo do Capitão Rodrigues Velho, elemento excepcionalmente valioso devido à influência que desfrutava na região.

Carlos comandava os combatentes das fazendas dos irmãos Alvarenga e outros mais que haviam formado no seu gruppo. Na povoação de Queimados já se encontrava a legião, chefiada por Chico Prego, João Pequeno e João da Viúva, com seus combatentes dispersados pelas ruas.

Elisiário, temendo que a população se alarmasse com a multidão de escravos concentrados ali, determinou que se ocultassem no mato. Chico Preto comunicou aos subordinados a nova decisão e os retirou do local em pequenos grupos. Aguardariam as ordens de Elisiário, para retornar.

Elisiário, seguido de alguns companheiros, entrou na igreja e aguardou o início da missa. João procurou-o e indagou a mensagem que levaria a Chico Prego. Ele respondeu que os escravos seriam declarados livres no espaço da missa, pelo frade Gregório.

Como era de se esperar, a missa terminou sem a liberdade dos escravos, que se revoltaram mas não conseguiram a adesão do frade, mas os agitadores não desanimaram, preparando a resistência, enquanto a população pedia forças militares de Vitória.

O presidente da Província, Desembargador Antônio Joaquim da Siqueira, adotou medidas para debelar a revolta encaminhando para Queimados um destacamento militar comandado pelo alferes José Cesário Varela da França e confiou ao chefe de polícia o restabelecimento da ordem, além de organizar milícias para Viana e Itapoca comunicando ainda o fato ao Governo Imperial de quem requisitou forças federais.

Depois de algumas escaramuças pelo sertão e de inúmeros assassinatos de escravos não comprometidos com a insurreição, o exército de escravos se desmantelou entre deserções e rendições. Os rebeldes abandonaram as armas e se refugiaram no mato mas acabaram forçados pela fome a se entregarem.

Sem contar os escravos justicados pelos seus senhores, atingiu a 36 o número dos que foram pronunciados na justiça da capital, que condenou os chefes à força, absorveu seis e distribuiu penas variáveis para outros 25. Alguns dos que se esconderam nas montanhas acabaram morrendo de fome e doenças.

Carapina: área escolhida desde a década passada

Os primeiros movimentos pela instalação de um Centro Industrial na área da Grande Vitória ocorreram em 1961, quando a Federação das Indústrias do Estado do Espírito Santo — Findes — apresentou proposta junto ao Governo estadual como medida de precaução quanto à possível restrição à aquisição de terrenos para instalações industriais. A área indicada era planalto de Carapina, no município da Serra.

Entretanto, por entender que a medida só se tornaria viável com suporte de um sistema de incentivos fiscais, fato inviabilizado na esfera federal, a idéia não pôde ser concretizada, mas no Governo de Cristiano Dias Lopes Filho, a Findes voltou a insistir no estabelecimento de um centro industrial na região da Grande Vitória, estimulada pelo prenúncio da construção de uma usina siderúrgica de porte elevado.

Ordenamento

O Governo do Estado entendeu então que seria importante passo a ser dado para alicerçar a política de industrialização estadual à criação do centro industrial, e pelo Decreto no. 3.008, de 22 de janeiro de 1969, criou a coordenação do Planejamento Industrial do Espírito Santo — Coplan-ES, com responsabilidade de implantar o Centro Industrial da Grande Vitória.

A Coplan-ES estabeleceu um convênio entre o Governo do Estado através do Banes, Companhia Vale do Rio Doce e Findes. Através de seu conselho, constituído por representantes das empresas convenientes, o órgão entendeu contratar um estudo de viabilidade técnico-econômico

para implantação do Centro Industrial da Grande Vitória, que foi elaborado pela Cian S/A — Consultoria e Planejamento.

O estudo definiu como viável a construção do Centro no planalto de Carapina, desde que, naquela área de influência do porto de Tubarão, se estabelecesse uma usina siderúrgica. Não se estabelecendo a médio prazo a indústria siderúrgica, viabilizava-se, não obstante, e com grande evidência, a implantação de uma área industrial preliminar para se ordenar, pelo menos a questão relativa ao abuso da exploração de áreas necessárias para as indústrias.

Durante sua existência, a Coplan-ES, realizou um levantamento aerofotogramétrico da região de Carapina, na escala 1 por 8 mil, sendo os trabalhos executados pelos serviços aerofotogramétricos Cruzeiro do Sul, além de um estudo geológico hidrogeológico de uma área de 50 quilômetros quadrados, em Carapina, de autoria do engenheiro José Jaime Rodrigues Branco.

Suppin

Pela Lei no. 2.572, de 10 de fevereiro de 1971, foi criada a Superintendência dos Projetos de Polarização Industrial — Suppin, ficando assim extinta a Coplan-ES.

A Suppin, dentro de sua meta básica de instalar o Centro Industrial da Grande Vitória — Civit — comprou uma área rural de 330 hectares, situada no planalto de Carapina, e realizou os estudos do Plano Diretor do Civit, efetuado pelo Consórcio Sondotécnico New-Plan. A seguir, o órgão executou obras necessárias para a implantação das indústrias.

A Serra tem no Civit o primeiro centro industrial do Estado

Em observação ao que determina o I Plano de Desenvolvimento, o Governo Estadual pretende implantar, além da Civit, na Serra, outros distritos industriais em vários municípios do Espírito Santo como Cachoeiro de Itapemirim, Colatina, Linhares, São Mateus e Aracruz, este já em estudos, uma vez que interessa à Aracruz Celulose, responsável pelo pólo paraquímico. A Aracruz Celulose necessita de um apoio de indústrias satélites, além dos demais empreendimentos de apoio ao centro habitacional que se formará na região em razão da existência da indústria de celulose.

Dos distritos o de Cachoeiro de Itapemirim tem projeto locacional aprovado pelo Governo do Estado, com área declarada de utilidade pública e com outra área doada pelo Governo, na Fazenda Monte Líbano, onde serão instaladas as indústrias poluentes ligadas ao calcário.

O Civit — Centro Industrial da Grande Vitória, está localizado a 15 quilômetros do centro comercial de Vitória capital do Estado do Espírito Santo, próximo ao porto de Tubarão, o maior exportador de minério de ferro do mundo, da BR-101, da Estrada de Ferro Vitória-Minas e do Aeroporto de Vitória.

Possuindo um sistema viário interno próprio, totalmente asfaltado, redes de esgotos sanitário e pluvial, abastecimento de água, energia elétrica, serviço telefônico e demais necessidades urbanísticas assim será o Civit quando totalmente concluído.

O Civit é um empreendimento da Superintendência dos Projetos de Polarização Industrial dentro do seu programa de definição geográfica dos núcleos de polarização industrial e promoção de medidas necessárias para que os mesmos se constituam em instrumentos de catalise de recursos de investimentos, visando à dinamização da economia capixaba e à harmonização entre o crescimento urbano e industrial.

Setores

Abrangendo inicialmente uma área de 330 hectares na região rural de Carapina, com todas as condições básicas para servir à industrialização, o Civit foi dividido em dois setores, sendo que o setor I também denominado área piloto, tem um total de 276 módulos e o setor II, 224 módulos.

Cada módulo possui uma área de 2.700 metros quadrados, com 30 metros de frente e 90 de profundidade. Esses módulos são vendidos aos interessados com a condição única de que sejam aproveitados exclusivamente para instalação de unidades industriais.



Dispondo de infra-estrutura básica, o Civit garante área para a instalação de indústrias diversificadas

O solo do Civit, constituído de tabuleiros de sedimentos de formação varreiras, só apresentará embasamento rochoso em profundidade muito grande, geralmente superior a 50 metros. Os solos laterizados de superfície trabalham a taxas de 1,0 a 2,5 kg/cm². As profundidades moduladas, aproximadamente 5 metros, é possível fundações trabalhando de 3,0 a 4,5 kg/cm².

Acessos

No setor viário, o Civit é servido pela BR-262, que liga Vitória a Belo Horizonte, totalmente asfaltada e considerada prioritária para o programa "corredor de exportação" Minas-Espírito Santo, e que conduz para o porto de Vitória nas produções agropastoris minerais, do sudeste goiano e sul de Mato Grosso.

BR-101 inteiramente asfaltada, ligando Vitória ao Rio de Janeiro, na direção Sul, e a Salvador na direção Norte; BR-482 parcialmente asfaltada, com início na BR-101 em Cachoeiro de Itapemirim, cortando transversalmente o Estado e vinculando a zona da mata mineira ao porto de Vitória na BR-101, em João Neiva, ligando Colatina a Governador Valadares, promovendo a conexão rodoviária do Vale do Rio Doce com o terminal de Vitória. No âmbito estadual o projeto "Espinha de Peixe", promove a ligação das sedes municipais às rodovias federais, o que contribui para o desenvolvimento estadual.

No setor ferroviário, o Civit conta com a estrada de ferro Leopoldina, que liga Vitória ao Rio de Janeiro, a Vitória-Minas que liga a capital capixaba a cidade mineira de Itabira, servindo ao Vale do Rio Doce e ao complexo portuário de Tubarão. Para a Leopoldina, existe o projeto de construção do ramal ferroviário de Santo Eduardo, que permitirá a expansão daquela via.

O aeroporto Eurico Salles, que serve à microrregião da Grande Vitória, fica a 10 quilômetros do centro comercial de Vitória e próximo ao Civit, estando em fase de expansão. O transporte marítimo é feito através do porto de Vitória, constituído pelo cais comercial (870m), cais de minério de Atalaia, cais de minério e carvão de Paul, porto de Tubarão e brevemente pelo cais de Capuaba, em construção e com 540 metros de extensão.

O abastecimento de água industrial e potável ao Civit e à região de Carapina em geral está sendo equacionado pela Cesan (Companhia Espírito Santense de Saneamento) e Suppin, enquanto a Espírito Santo Centrais Elétricas S/A (Escelsa) assumiu a responsabilidade de executar todas as obras de eletrificação no Civit. A Escelsa, subsidiária da Eletrobrás, possui um planejamento de obras que permite garantir que não faltará energia elétrica no Espírito Santo, na medida em que se fizer necessária.

O Centro Industrial de Vitória oferece aos investidores industriais a melhor localização da Grande Vitória além de constituir o modelo de outros centros que serão implantados no Estado.





As primeiras industriais já estão se instalando no Civit

Setores disciplinam ocupação das terras

O Setor I do Civit foi inaugurado do dia 21 de novembro de 1974, em solenidade que contou com a presença do então governador Arthur Carlos Gerhardt Santos, a primeira dama do Estado, Maria Clementina Velloso Santos, a embaixatriz sueca, Sra. Beng Odeval e do embaixador sueco Beng Odeval.

Quando de sua inauguração, o setor I do Civit já tinha a sua infraestrutura completa contando com a rede viária, sistema de esgotos, água, luz e telefone, conseguidos pelo Governo do Estado, Escelsa, Cesan e Telest.

Quatro indústrias se encontram em avançada fase de implantação: a Fibrasa S/A — Indústria de embalagens de polipropileno para produtos químicos e cereais; Emipa Ltda. — Estrutura de Metais Ipatinga Ltda.; Carboindustrial S/A — Indústria de pasta e eletrodo para indústria siderúrgica; e Cia. Vilamar de Refrigerantes.

A área disponível do Centro Industrial de Vitória é atualmente de 10 milhões e 600 mil metros quadrados, que estão declarados de utilidade pública pelo Governo do Estado. A última aquisição de terras em Carapina, destinada ao Civit, foi 730 hectares. Com início das obras pólo-siderúrgicas, o Governo Estadual quer garantir o máximo de área disponível para a instalação de novas indústrias. Dos 20 por cento da área restante do Setor I, apenas poderão ser localizados pequenos projetos industriais, uma vez que sobraram pontas de quadras, que também estão aguardando

apenas que algumas indústrias apresentem seus projetos para o efeito e reserva de área.

Expansão

O Setor II do Civit tem recursos alocados junto ao Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico no Montante de Cr\$ 45 milhões. Suas obras de infra-estrutura estão bem adiantadas, com o trabalho de limpeza de ruas quase concluído. No mês de fevereiro, deverão ser realizadas coletas de propostas para obras de terraplenagem e asfaltamento. O Setor II tem módulos amplos, destinados a indústrias de médio porte e que venham dar apoio à Companhia Siderúrgica de Tubarão.

Além das duas lagoas de estabilização para o tratamento de esgotos do Setor I, em funcionamento para atender às indústrias em operação, o Setor II contará com outra lagoa, esta maior, para atender não apenas às indústrias que ali se localizarão, mas também ao núcleo habitacional que está sendo construído pelas cooperativas ligadas ao Incoop — ES, de apoio ao Centro Industrial.

Opondo-se aos módulos de 2.700 metros quadrados do Setor I, a Suppin planejou para o Setor II módulos industriais com 10 mil metros quadrados, que serão utilizados na localização de projetos industriais, médios, destinados a dar apoio à siderúrgica, sendo que alguns poderão necessitar de áreas superiores a 50 mil metros quadrados, não tendo razão de se estabelecer medidas menores.

A KAT Comércio e Indústria Ltda está participando ativamente do desenvolvimento do município da Serra porque confia no futuro desta terra e quer crescer com ela. Neste momento em que todo o município recebe o impacto da industrialização, a KAT Comércio e Indústria Ltda participa como pioneira dos esforços para mudar a face da Serra, que passa aceleradamente das atividades agrícolas para a era da indústria, trazendo a redenção econômica do Espírito Santo.

KAT
Comércio e Indústria Ltda.

1-101 — Norte — Km 11 — Carapina — Serra — ES

Na Serra, as montanhas fazem parte da história

O maciço denominado de "Mestre Álvaro, localizado no município da Serra, tem cerca de 950 metros de altitude, dista 10 quilômetros da costa e é, segundo o geógrafo capixaba Cícero de Moraes, "o mais setentrional monadnock da costa. É um majestoso maciço gnáissico".

A magnitude do Mestre Álvaro é histórica, pois já nos primeiros documentos cartográficos do Século 16 pôde-se verificar a indicação daquele acidente geográfico, tendo em vista que pela sua posição e altitude foi assinalado naquele tipo de documentação por ser um ponto que servia de guia à navegação marítima. Dom Pedro II, quando de sua visita ao Espírito Santo, assim anotou em seu diário: "O monte Mestre Álvaro, com tempo limpo e claro, pode ser visto até a 60 milhas no mar".

Vegetação

A mata que cobre o Mestre Álvaro ainda representa uma valioso acervo de espécies aproveitadas na agricultura e como flora medicinal, sendo que viajantes estrangeiros dos séculos 19 e 20 registraram em seus diários passagens sobre o pico, notadamente Auguste de Saint Hilaire, quando empreendeu viagem às selvas do rio Doce, em 1816. Passando pela Serra demonstrou desejo de conhecer a sua flora, tendo empreendido uma excursão, com um guia serrano, onde coletou inúmeros dados sobre a fauna e flora local.

A mesma atração que os colonizadores dos séculos 18, 19 e 20 tiveram em relação à caça no Mestre Álvaro aconteceu na pré-história. Tendo uma floresta rica em espécies

animais, o índio utilizou a elevação para obter alimentos, pois inúmeros sítios arqueológicos ao seu redor e interior atestam a presença do homem pré-histórico na região.

Atualmente, o morro tem se prestado a atividades de excursionistas, através do Clube de Excursionismo Espírito-Santense e principalmente de alunos do curso de Ciências Biológicas, além das estações de controle de tráfego de transmanhada pela Companhia Vale do Rio Doce.

A mata do morro Mestre Álvaro é praticamente uma das últimas áreas de mata atlântica de altitude do Estado, parcialmente intacta, pois já começa a ser devastada. Devido a sua flora ser sui generis a sua fauna é compatível devido ao processo adaptativo.



O progresso, com sua poluição inevitável, precisa da produção de oxigênio do Mestre Álvaro, destinado a parque florestal e reserva biológica pelo governador Élcio Álvares

Mestre Álvaro: reserva ecológica e florestal

A transformação do Mestre Álvaro em estação ecológica e reserva florestal, sonho de muitos anos dos elementos ligados à conservação da natureza no Espírito Santo, tornou-se realidade este ano, através do trabalho de alunos e professores da Ufes e do empenho do próprio governador Élcio Álvares.

Tudo começou com um grupo de alunos de Ciências Biológicas, que na procura incansável do aprendizado mais além das aulas expositivas, iniciaram uma série de excursões pelo Mestre Álvaro e regiões adjacentes, bem como outros pontos do Estado.

O governador Élcio Álvares, em documento editado quase que simultaneamente aos primeiros ecos da vontade dos estudantes da Ufes também pediu a preservação do Mestre Álvaro, e encaminhou à Assembléia Legislativa projeto de lei propondo a criação da reserva biológica e parque florestal do Mestre Álvaro, que foi aceito.

Em sua mensagem à Assembléia, o governador Élcio Álvares disse que "a declaração de utilidade pública, para fins de desapropriação de terrenos e benfeitorias e direitos de posse encravados no interior da área que constituirá o Parque e reserva torna-se imprescindível, a fim de possibilitar a preservação integral da flora, fauna e demais recursos naturais da região". Diz também

que a área do Mestre Álvaro é de 3.470 hectares.

A criação do Parque Florestal e Reserva Biológica Mestre Álvaro por parte do Governo Élcio Álvares foi feita com base no Projeto de Lei número 09/76.

"O governador do Estado do Espírito Santo faço saber que a Assembléia Legislativa decretou e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1o. — Fica o Poder Executivo autorizado a criar o Parque Florestal e a Reserva Biológica Estadual Mestre Álvaro.

Parágrafo Único — O Parque Florestal e a Reserva Biológica Estadual Mestre Álvaro, de que trata este artigo, com área aproximada de 3.470 (três mil quatrocentos e setenta) hectares, situados no município da Serra, compreendem a totalidade do morro do mesmo nome e serão caracterizados mediante levantamento topográfico no prazo de 60 dias, a contar da publicação desta lei.

Art. 2o. — O Poder Executivo declarará de utilidade pública, para fins de desapropriação, os terrenos, benfeitorias e direitos de posse existentes dentro dos limites da mencionada área.

Art. 3o. — O Parque e a Reserva têm como finalidade resguardar os tributos excepcionais da natureza da região, a proteção integral da flo-

ra, da fauna e demais recursos naturais, com utilização para objetivos educacionais, científicos, recreativos e turísticos.

Parágrafo 1o. — Fica proibida qualquer forma de exploração dos recursos naturais na área do Parque e da Reserva, nos termos da lei.

Parágrafo 2o. — Suas terras, a flora, a fauna e demais recursos naturais ficam sujeitos ao regime especial de proteção do Código Florestal, proibida a supressão total ou parcial da área nos termos da lei.

Art. 4o. — Compete à Administração do Parque e da Reserva zelar pela fiel execução do Código Florestal, Lei de Proteção à Fauna, Código de Pesca e demais normas pertinentes ao assunto, dentro dos limites de sua competência.

Art. 5o. — Caberá ao Instituto Estadual de Florestas exercer a Administração do Parque e da Reserva bem como os atos indispensáveis à sua implantação.

Art. 6o. — O Poder Executivo fica autorizado a abrir o crédito especial de Cr\$ 1.500,000 (um milhão e quinhentos mil cruzeiros) para execução desta lei, com recursos provenientes da anulação total ou parcial de dotações orçamentárias, do vigente orçamento.

Art. 7o. — Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.



A rica flora do Mestre Álvaro impressionou naturalistas como Saint Hilaire

A rica flora do Mestre Álvaro impressionou naturalistas como Saint Hilaire

blica, para fins de desapropriação de terrenos e benfeitorias e direitos de posse encravados no interior da área que constituirá o Parque e reserva torna-se imprescindível, a fim de possibilitar a preservação integral da flora, fauna e demais recursos naturais da região". Diz também

fins de desapropriação, para fins de desapropriação, os terrenos, benfeitorias e direitos de posse existentes dentro dos limites da mencionada área.

Art. 30. — O Parque e a Reserva têm como finalidade resguardar os tributos excepcionais da natureza da região, a proteção integral da flo-

lhão e quinhentos mil cruzeiros) para execução desta lei, com recursos provenientes da anulação total ou parcial de dotações orçamentárias, do vigente orçamento.

Art. 70. — Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Pioneira no processo de industrialização no município da Serra, a ORNATO sente-se feliz em ver a cada dia que passa, novas empresas instalando no município que escolheu, para sede de suas atividades e que hoje representa o grande pólo industrial do Espírito Santo. Responsável por substanciais divisas para o Espírito Santo, a ORNATO fabrica os melhores pisos e azulejos do mercado nacional, razão porque está presente em importantes projetos de construção, com seus produtos de alta qualidade.

ornato
s.a. industrial de
pisos e azulejos



Localizada no Civit, a Carboindustrial, além de atender ao consumo interno da pasta eletródica, acaba de realizar sua terceira exportação.

Carboindustrial está economizando divisas

Fabricante da pasta de eletrodos Soderberg, a Carboindustrial S.A. foi fundada em novembro de 1973, com o objetivo básico de garantir auto-suficiência de pasta de eletrodos de antracito ao setor eletrometalúrgico brasileiro.

A Carboindustrial S.A. definiu sua localização no Centro Industrial de Vitória, onde ocupa uma área de 100 mil metros quadrados, devido à facilidade de escoamento de matéria prima pelo porto

de Vitória, proximidade com seu mercado consumidor e também pela existência no local de boas condições de infra-estrutura.

A atual capacidade de produção da Carboindustrial é de 24 mil toneladas anuais de pasta de eletrodos Soderberg, mas as demais instalações já estão dimensionadas para 48 mil toneladas por ano.

O processo da pasta de eletrodos Soderberg, foi desenvolvido pelo grupo

Elkem-Spigerverket a partir de 1917, para utilização em fornos de ferro-ligas, ferro-gusa, carbureto de cálcio e alumínio.

Além de suprir o mercado nacional, a Carboindustrial pretende manter uma reserva adicional para atender às demandas do mercado externo, estando sua capacidade de produção dimensionada para atender aos planos de expansão do setor, de acordo com os últimos levantamentos feitos pelo Consider, IBS e Abrafe.

Apoiado por grande número de indústrias, o município da Serra assiste aos seus últimos dias como município tradicionalmente agrícola. É com muito orgulho que a METALÚRGICA VITÓRIA contribui para a afirmação da nova imagem serrana — a cidade industrial da Grande Vitória — que reserva um lugar especial para todos os seus pioneiros. A Metalúrgica Vitória está naquele município para contribuir no seu processo de industrialização, ajudando na implantação de novas unidades industriais, o que faz com muito gosto e eficiência.



METALVIL
METALÚRGICA VITÓRIA LTDA.

FERRAGENS ELÉTRICAS E ESTRUTURAS GALVANIZADAS
GALVANIZAÇÃO EM GERAL

Rua A - Lote 21 - Quadra 8 - CIVIT Tel: 3-8054

ADIS657-4

Turismo: novas rodovias estimulam desenvolvimento

Um dos pontos mais importantes para o futuro do Estado é o complexo turístico, abrangendo os municípios que firmaram convênio neste sentido com os órgãos estaduais Conselho Estadual de Turismo (Conetur) e Empresa Capixaba de Turismo (Emcatur). Entre essas Prefeituras se incluem a da Serra, Guarapari, Anchieta, Piúma, Aracruz, Fundão, Linhares, São Mateus, Conceição da Barra, entre muitas outras.

As belezas naturais do Estado, destacadas em material promocional do Estado, significam um forte atrativo permanente para a vinda de um número cada vez maior de turistas, aumentando a circulação da moeda no Estado e criando novas condições para o fortalecimento do setor como fator significativo em nossa economia.

Dentro do programa de suporte ao turismo — cujo desenvolvimento pode ser medido, por exemplo, pelos inúmeros projetos de novos hotéis para a faixa litorânea capixaba — o Governo do Estado realiza obras de infra-estrutura para estimular a iniciativa privada do setor. Dentre essas obras, destaca-se, por exemplo, a rodovia do Sol, cuja maior parte foi pavimentada a partir da posse do sr. Elcio Álvares no Governo do Estado e do engenheiro Servio Túlio Moreira na direção do Departamento de Estradas e Rodagem. O município da Serra foi especialmente beneficiado com essas obras, pois o trecho ligando a BR -101 aos balneários do município só ficou concluído na administração Elcio Álvares, quando inclusive foi inaugurada a ponte de Jacaraípe, velha reivindicação dos moradores e veranistas, e o trecho ligando esta praia com Nova Almeida, onde terminam os limites do município serrano.

Não há a menor dúvida de que o turismo ganhou nova dimensão no Espírito Santo com apoio do Governo Federal, através da construção das rodovias BR-101 e BR-262, ligando a Vitória as principais cidades ao seu redor, especialmente Belo Horizonte, Salvador e Rio de Janeiro. É de Minas Gerais, porém, que vêm o maior número de turistas que procuram as praias capixabas durante o verão, em número cada vez maior, ano após ano. E também são mineiros, os principais proprietários de residências nos balneários capixabas, embora hoje um grande número de espírito-santenses de diversas cidades desfrute a tranquilidade do verão nas praias de nosso litoral.

Outros municípios foram amplamente beneficiados com pavimentação asfáltica possibilitando a perspectiva de captação permanente de um número cada vez mais expressivo de turistas. Assim é que o Governo Elcio Álvares duplicou a rodovia ligando a BR-101 a Guarapari, inaugurou o trecho Vila Velha—Ponta da Fruta no setor sul da Rodovia do Sol, inaugurou a nova ponte sobre o rio Jucu, próximo ao distrito de Barra do Jucu, e prepara-se para concluir o trecho Ponta da Fruta-Setiba concluindo a interligação litorânea entre Vila Velha e Guarapari. Também o setor Guarapari-Anchieta será atacado proximamente, principalmente em função da



Rodovia do Sol: desafio vencido pelo Governo Elcio Álvares

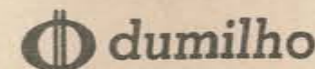
implantação em Ubu do complexo siderúrgico da Samarco, onde estão aceleradas as obras de construção do porto que exportará "pellets" e de instalação do mineroduto que abastecerá a usina com minério de ferro vindo diretamente de Minas Gerais.

Outro trecho a ser realizado nos próximos meses pelo Departamento de Estradas e Rodagem é a ligação de Conceição da Barra com a BR-101, capaz de estimular e fomentar o turismo na região, que além de praias desconhecidas, possui ainda a região das dunas no distrito de Itadnas, de inesgotável potencial turístico.

Cerca de 150 a 200 mil turistas deverão visitar o Espírito Santo no próximo verão, o que significa aumento da moeda circulante no Estado, maior arrecadação tributária e uma receita assegurada para hotéis e restaurantes. A faixa litorânea. Algo marcante e expressivo para nossa economia, o turismo é um dos setores de melhores perspectivas no Espírito Santo.



Jacaraípe: cada ano mais turistas no verão



Nós acreditávamos que levaríamos UM ANO para poder homenagear todos estes clientes reunidos... Mas nosso



Igreja dos Reis Magos: principal atração de Nova Almeida

Igrejas: história e turismo

Local escolhido pelos jesuítas para sediar duas de suas principais edificações no Estado, o município da Serra ainda hoje apresenta traços que registram a passagem dos catequizadores em nosso solo. É o caso, por exemplo, da Igreja dos Reis Magos, em Nova Almeida, e das ruínas da fazenda jesuítica descoberta pelo arqueólogo Celso Perota, a pequena distância do aeroporto Eurico Salles, onde ainda podem ser vistas as colunas do que foi uma das principais fazendas dos jesuítas no Espírito Santo. Hoje, os monumentos que marcam a presença dos jesuítas no Estado estão tombados pelo Patrimônio Histórico e serão transformados em pontos de visitação turística, aumentando os atrativos para captação de visitantes ao Estado.

A SAVELI SÔ TEM SEIS ANOS. E JÁ ESTÁ DE CASA NOVA!

A Saveli existe desde 1970.

Para atender a crescente expansão do parque industrial capixaba, a Saveli mudou-se para novas instalações em 24.000m² de terreno, com 2.200 m² de área construída.

Na Rodovia do Sol, estrada para Jacaraípe, km 2,2.

A Saveli produz estruturas metálicas,

caldeirarias, silos e pontes rolantes.

E a maior prova do seu "know how" é que toda a estrutura de sua nova fábrica foi inteiramente produzida na própria Saveli.

Nestas novas instalações, oitenta funcionários irão produzir de duzentas a trezentas toneladas de estruturas metálicas mensalmente.



POLYDOMUS

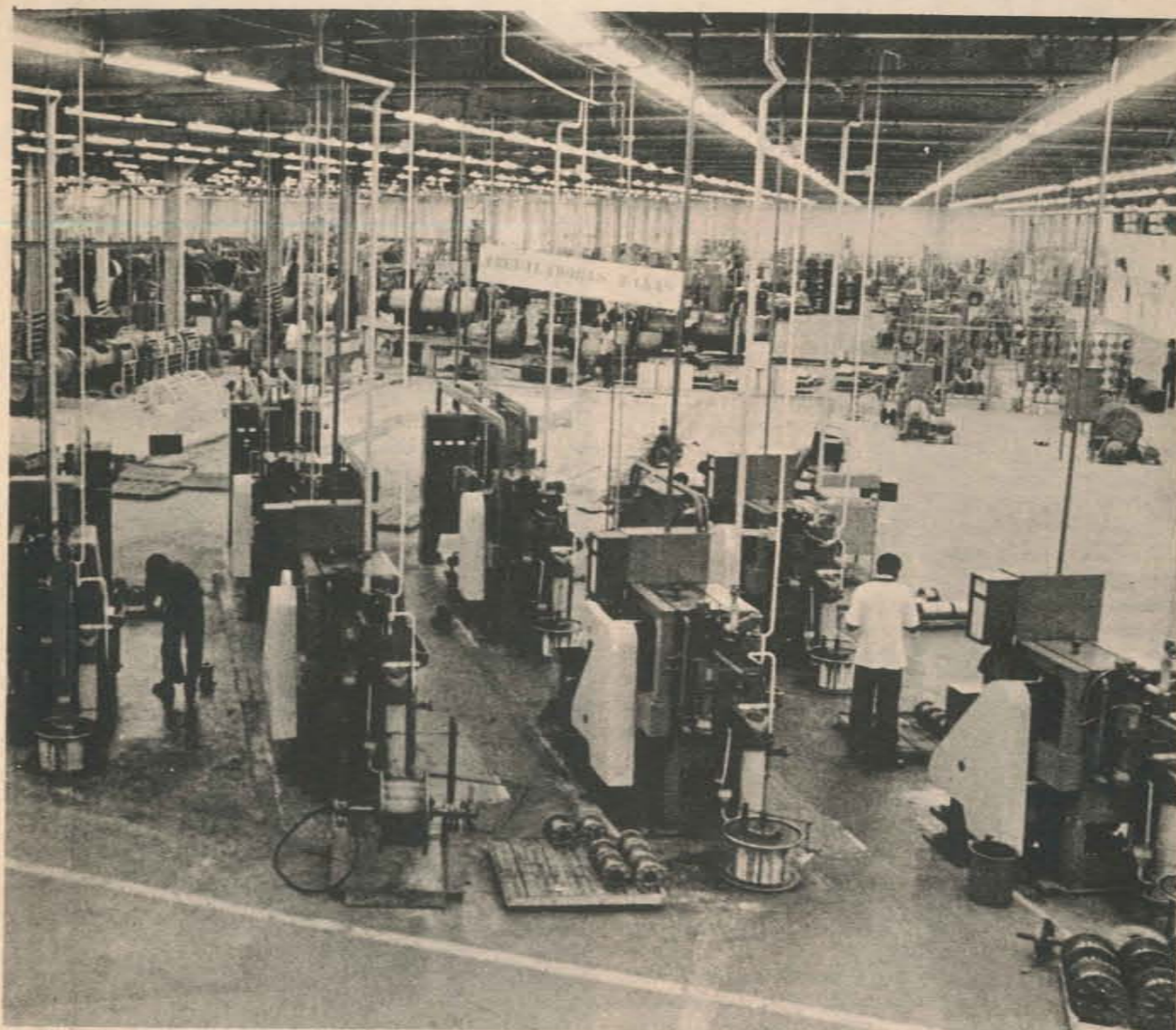
INDÚSTRIA E COMÉRCIO DE PLÁSTICOS LTDA.



Gonçalo Roicles



Serra: apenas um povoado no início do século ...



... hoje o principal centro industrial do Estado.

Serra: cem anos dona de seus destinos



O município da Serra completa este ano seu primeiro centenário de emancipação política, não se podendo fugir a falar um pouco da história desta unidade que compõe o Estado do Espírito Santo, rica por suas tradições históricas, por sua economia e ascensão e por seu povo, amigo e hospitaleiro.

No litoral do Estado habitavam os Tamoios, indígenas que eram, praticamente, donos das terras da então Capitania de Vasco Fernandes Coutinho. Habitavam, também parte do litoral os Temiminós, chefiados por Maracajuaguçu.

Essa tribo viu-se ameaçada pelos Tamoios, isto no século XVI, e Maracajuaguçu recorreu ao donatário da

através da Carta Régia; porém, tal fato só ocorreu efetivamente, em 1769, quando foi concluída a construção da igreja. Nesta data foi que, de fato, se tornou Freguesia, desmembrando-se da Freguesia de Nossa Senhora da Vitória.

Em 1833, finalmente, por Resolução datada de 2 de abril, a localidade é elevada à categoria de Vila e, a 6 de novembro de 1875, através da Lei número 6, foi-lhe concedido o Foro de Cidade, pois o seu desenvolvimento tanto na indústria como no comércio era significativo.

Inauguração

A cidade foi inaugurada oficial-

de Fundão; ao Sul com Cariacica e Vitória; a Oeste com Santa Leopoldina e a Leste com o Oceano Atlântico. O município abrange uma área de 549 quilômetros quadrados, com uma população estimada em cerca de 22 mil habitantes.

Mais de 55 por cento de sua população habita as regiões rurais e cerca de 45 por cento as regiões urbanas. A topografia do município é, em grande parte, ondulada. O solo é do tipo amarelo, arenoso na parte baixa, e é deficiente em macronutrientes, apresentando acentuado grau de acidez, ideal para a cultura do abacaxi.

Quanto ao clima, a temperatura



Os novos prédios construídos pelos organismos públicos . . .



. . . contrastam com as edificações antigas dos pioneiros.



Centro Social da Serra: ação permanente dos órgãos públicos

Tamoios, indígenas que eram, praticamente, donos das terras da então Capitania de Vasco Fernandes Coutinho. Habitavam, também parte do litoral os Temiminós, chefiados por Maracaiaguçu.

Essa tribo viu-se ameaçada pelos Tamoios, isto no século XVI, e Maracaiaguçu recorreu ao donatário da Capitania, solicitando ajuda face a iminência de uma guerra com os Tamoios. Vasco Fernandes Coutinho socorre os Temiminós e toda a tribo é transportada, em quatro embarcações, para uma região onde não correria perigo de ataque por parte dos Tamoios.

Catequese

Na época, Lourenço Brás, Jesuíta, desenvolvia seu trabalho de catequese entre os silvícolas do Espírito Santo, sendo ele o fundador do primeiro aldeamento de índios na capitania. E foi Lourenço Brás, com participação destacada do chefe indígena Maracaiaguçu quem fundou a povoação de Nossa Senhora da Conceição, no dia oito de dezembro de 1556.

Fruto de esforço catequético do jesuíta foi construída a primeira igreja — igreja Nossa Senhora da Conceição — nos arredores do monte Mestre Álvaro.

A 24 de março de 1752, a igreja foi guindada à categoria de Freguesia,

novembro de 1875, através da Lei número 6, foi-lhe concedido o Foro de Cidade, pois o seu desenvolvimento tanto na indústria como no comércio era significativo.

Inauguração

A cidade foi inaugurada oficialmente em comemoração solene no dia 2 de dezembro de 1875, data do aniversário do Imperador Pedro II. A Comarca da Serra contava então com 4.300 habitantes.

O nome Serra é oriundo, segundo antigos moradores do município, da designação Serra do Mar que se dá à cadeia de montanhas paralelas ao litoral. Como se sabe, o monte Mestre Álvaro é continuação da Serra do Mar, e estando a localidade situada próxima ao monte, lhe deram o nome de Serra.

A seis de abril de 1896 resolveu-se em definitivo, velha questão de limites com o município de Vitória. O município da Serra conta com uma série de distritos: Calogi, Carapina, Nova Almeida, Queimados, outras localidades: Campinho, Carapebus, Fonte Limpa, Jacaraípe, Laranjeiras, Manguinhos, Pitanga, Santana, etc.

Geografia

O município da Serra pertence à microrregião homogênea cinco, limitando-se ao Norte com o município

urbanas. A topografia do município é, em grande parte, ondulada. O solo é do tipo amarelo, arenoso na parte baixa, e é deficiente em macronutrientes, apresentando acentuado grau de acidez, ideal para a cultura do abacaxi.

Quanto ao clima, a temperatura média anual chega a 23 graus centígrados com características de clima quente, amenizado pelos ventos da sua grande orla marítima, onde se situam os balneários de: Jacaraípe, Nova Almeida, Manguinhos, e Carapebus'

A sede do município é a mais alta da região, com 40 metros de altitude, ficando a 20 quilômetros da capital do Estado, Vitória, e a 12 quilômetros da costa marítima municipal que mede cerca de 20 quilômetros de extensão.

O principal acidente geográfico é o monte Mestre Álvaro, com uma altitude de 850 metros mais ou menos. Sua hidrografia é significativa, com vários rios e lagoas. Destacam-se o rio Reis Magos, que fica na divisa com o município de Fundão, o rio Puriti, o Jacaraípe, o Juá, o Santa Maria da Vitória, Pitanga, Calogi-Mirim, etc. Entre as lagoas merece o destaque a de Jacunem, localizada próxima ao Centro Industrial de Vitória-Civit.

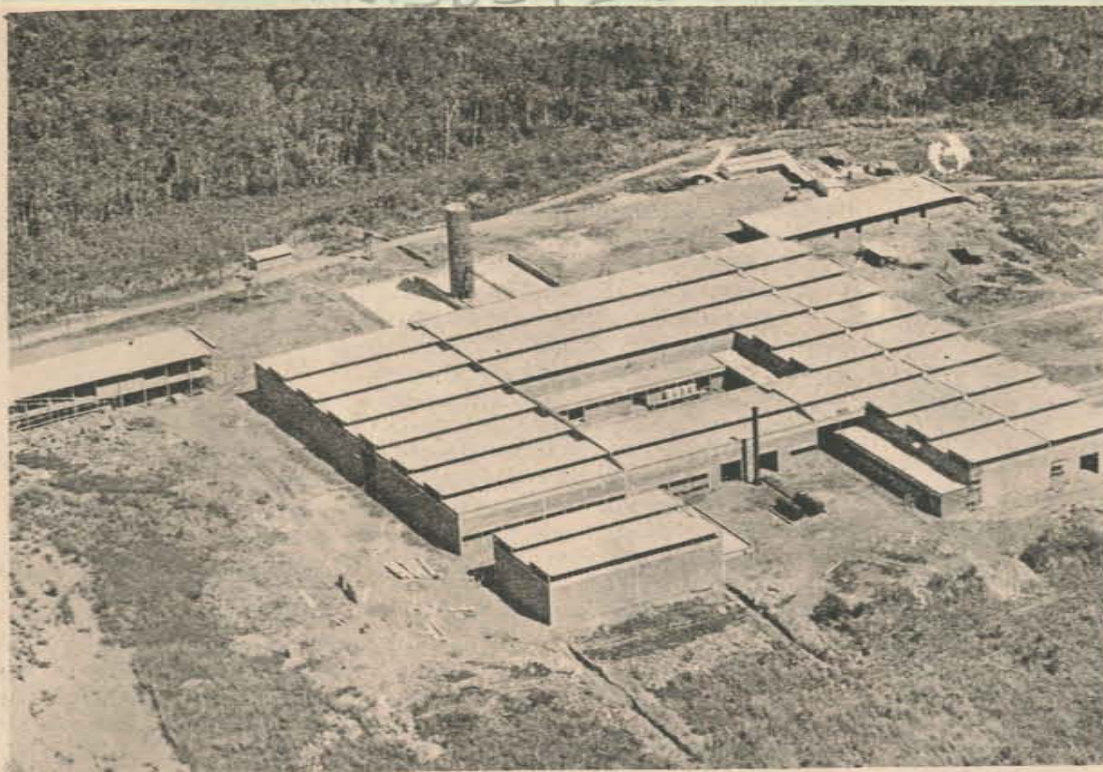


Estrategicamente posicionado na Grande Vitória, o município da Serra, transforma em realidade as mais caras esperanças de crescimento industrial acalentadas por todos os capixabas, pois do sucesso dos projetos industriais em fase de implantação na Serra é que ocorrerá a tão almejada descentralização industrial. A METALÚRGICA CARAPINA sabe disso e está pronta a colaborar no crescimento econômico capixaba.

METALÚRGICA CARAPINA INDÚSTRIA E COMÉRCIO LTDA.

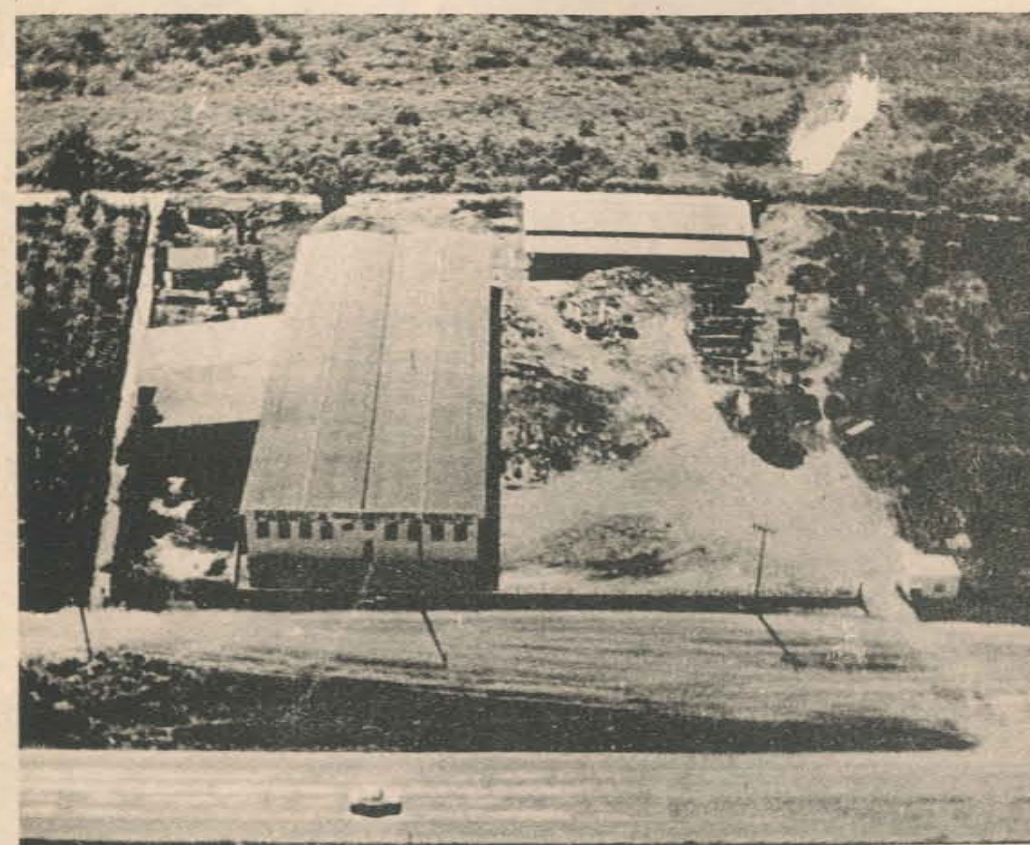
Rodovia BR 101-Norte - Km 10 - Laranjeiras Serra - ES

AJ15657-6



Todo o Espírito Santo, e em especial o município da Serra, passa por uma fase de grande desenvolvimento industrial, ao qual não poderia estar ausente a **CORSANTO** — Cortumes do Espírito Santo S.A., que vem participando ativamente do processo de industrialização. Chegando primeiro, a **CORSANTO** prepara o caminho para novas unidades industriais, a fim de que possamos mudar nossa imagem de exportador de matérias primas em grande fonte de produtos manufaturados.

 **CORSANTO**
Cortume Espírito Santo S/A



Com o desenvolvimento da Serra, novas indústrias estão se instalando neste progressista município. A Mobiliadora Planalto, uma das pioneiras no Planalto de Carapina, neste ensejo congratula-se com seus clientes, amigos e o povo em geral, fazendo questão de colocar à disposição de todos o conforto que seus móveis oferecem.

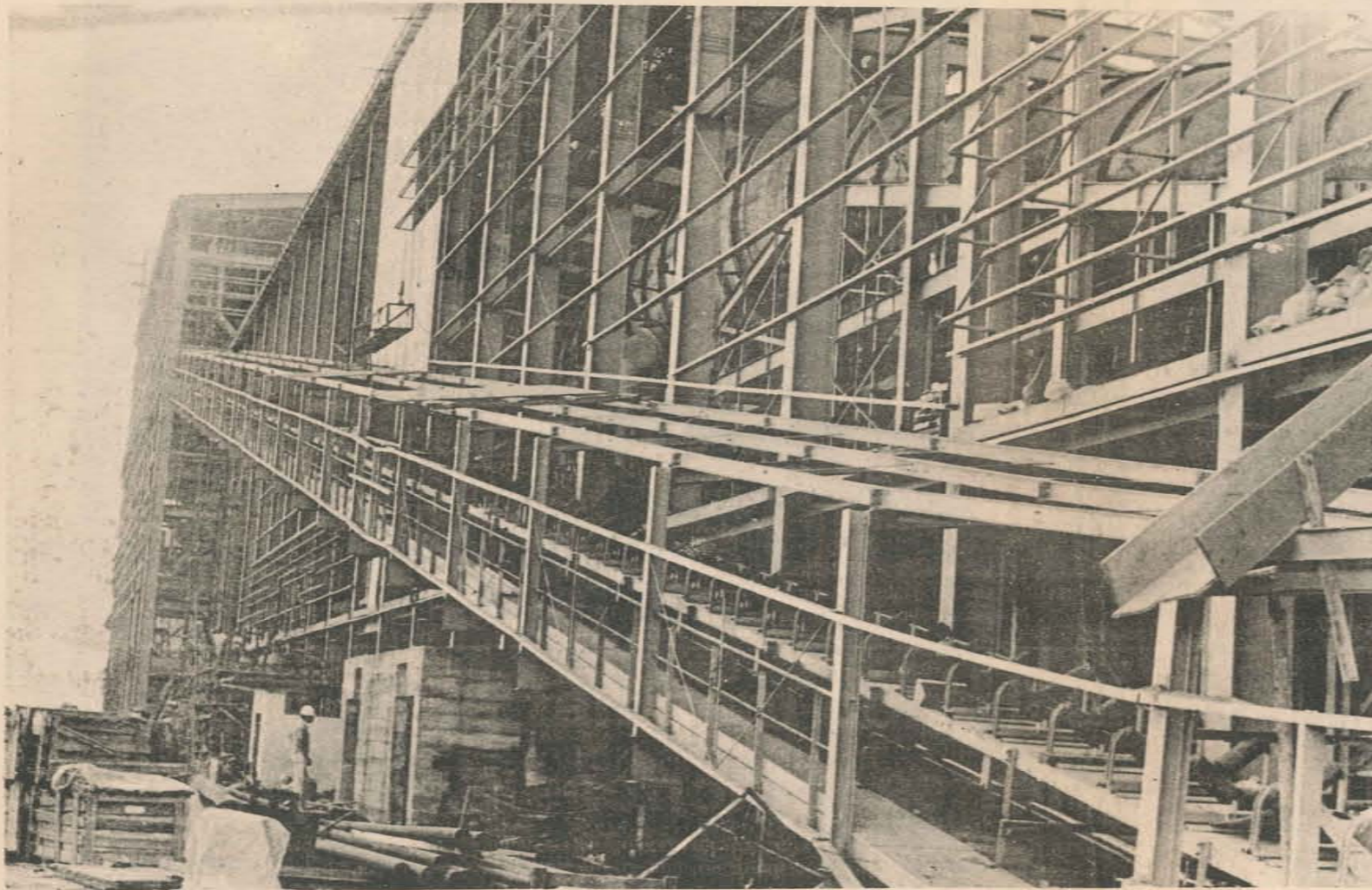
MOBILIADORA PLANALTO

G. Gonçalves Ferreira & Cia. Ltda.

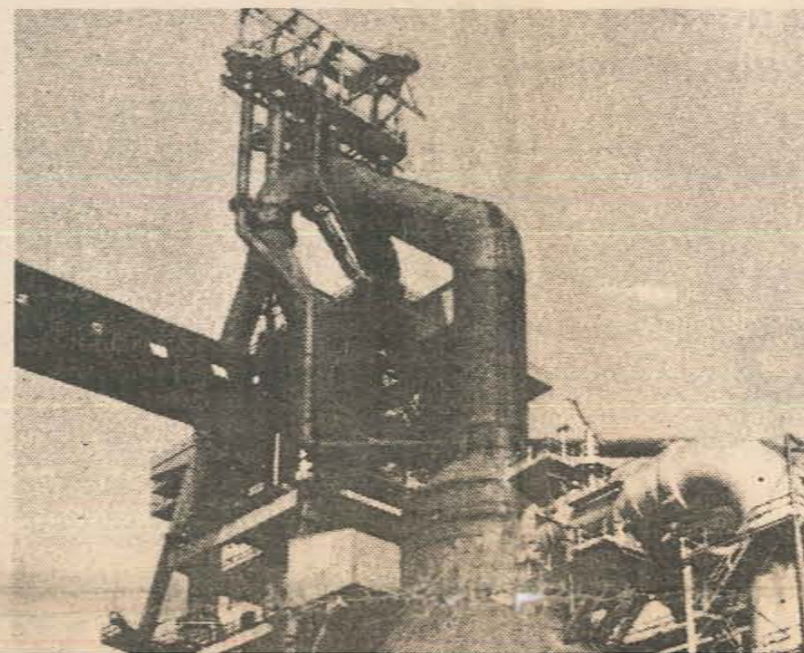
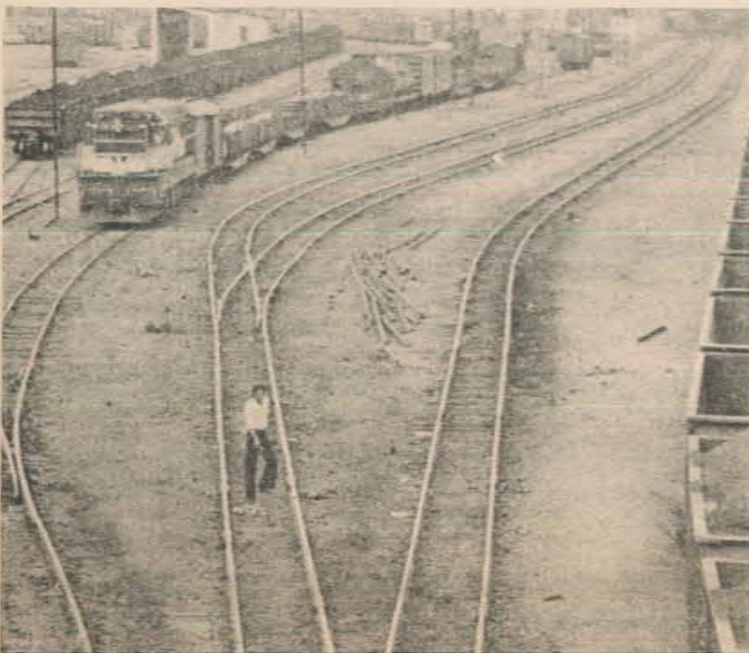
Rodovia BR-101 — Km 264 — Laranjeiras — Serra — ES

SEÇÃO DE VENDAS A VAREJO:
Av. Jerônimo Monteiro, 865 — Fone: 3-2108

Governo nega existência de atraso na instalação da CST



Grandes correias transportadoras serão utilizadas pela CST



Desmentindo qualquer atraso na implantação da Companhia Siderúrgica de Tubarão, o Governador Elcio Alvares mostra que seu governo está seriamente empenhado em que este pólo industrial seja implantado no Espírito Santo sem nenhuma solução de continuidade. A CST, que produzirá, a partir de 1980, cerca de três milhões de toneladas de aço, foi oficialmente constituída no dia 11 de junho deste ano, com a presença do Presidente Ernesto Geisel.

Com as obras de terraplanagem já bem adiantadas no planalto de Carapina, a Companhia Siderúrgica de Tubarão foi constituída com 51 por cento de capitais da Siderbrás, 24,5 por cento da Kawasaki Steel (japonesa) e 24,5 por cento da companhia siderúrgica estadual italiana Finsider.

Produção

Absorvendo investimentos da ordem de 2 bilhões e 300 milhões de dólares, a CST deverá iniciar sua fase de produção no primeiro semestre de 1980, podendo numa segunda fase logo a seguir, produzir 12 milhões de toneladas anuais de semi-acabados.

A melhor tecnologia existente nos países grandes produtores de aço será aplicada em Tubarão, tanto no que diz respeito ao rendimento operacional dos equipamentos, como no que se refere à proteção ecológica.

A CST será uma pujante força impulsionadora do desenvolvimento econômico do Estado e do País, pela produção de aço em grande escala, sem com isso degradar o meio-ambiente, sem acarretar efeitos nocivos para os que ali residem ou vierem a morar nas vizinhanças da usina. As exigências técnicas quanto ao controle da poluição constituem uma garantia da CST em preservar a qualidade da vida na região.

Dimensões

Segundo o presidente da Companhia Siderúrgica de Tubarão, Ary Martins, o alto forno que será instalado em Carapina terá a capacidade média de 9.000 toneladas/dia de ferro gusa. O alto forno de Volta Redonda, no. três, terá uma capacidade nominal de mil toneladas por dia, e é considerado um dos doze maiores do mundo. O confronto das toneladas mostra que o de Tubarão terá uma capacidade de 60 por cento superior.

A Usina de Tubarão será construída em etapas: a primeira, a ser concluída nos próximos 36 meses, está dimensionada para três milhões de toneladas por ano e

de toneladas por ano em minério, calcário, carvão etc.

Uma das razões da Siderbrás para localizar a usina na área da Grande Vitória deve-se precisamente ao fato de haver na região uma infra-estrutura de transportes razoável para o recebimento de minérios da Companhia Vale do Rio Doce.

Porto

Quanto ao carvão, deverá chegar por via marítima, seja o nacional de Santa Catarina, seja o importado. E para isso será construído o superporto de Praia Mole, contíguo ao de Tubarão, que estará aparelhado também para embarcar produtos semi-acabados de aço, da ordem de 1,5 milhão de toneladas por ano para o exterior. O aço que Tubarão exportar, tanto para o mercado interno quanto externo, usará a via marítima de transporte.

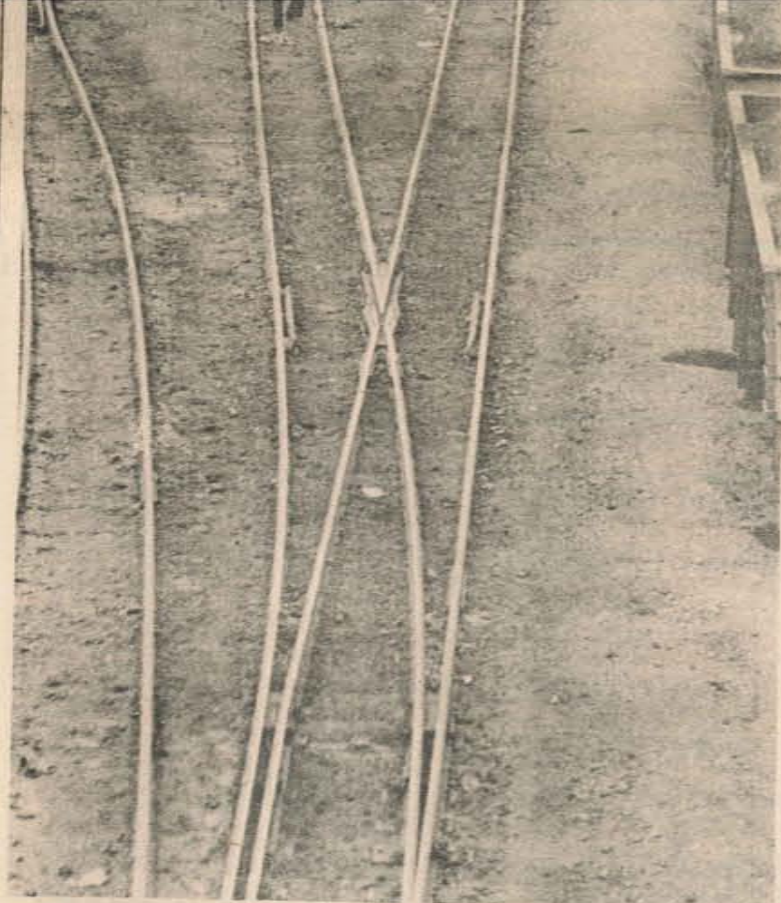
No que diz respeito aos equipamentos, segundo o engenheiro Ary Martins, a usina terá no primeiro estágio de produção, um alto forno, dois conversores a oxigênio e um laminador de placas. No segundo estágio será acrescentado mais um alto-forno, mais um conversor a oxigênio e mais dois equipamentos de lingotamento contínuo.

Isso, sem falar nos equipamentos tradicionais de uma usina siderúrgica como coqueria, sinterização, fábrica de oxigênio, fábrica de lingoteiras, unidades geradoras de energia com capacidade para 80 MW e outras. Outro detalhe que revela o alto grau de modernização da usina é que ela será operada por computadores, enquanto outras unidades controlarão os serviços administrativos.

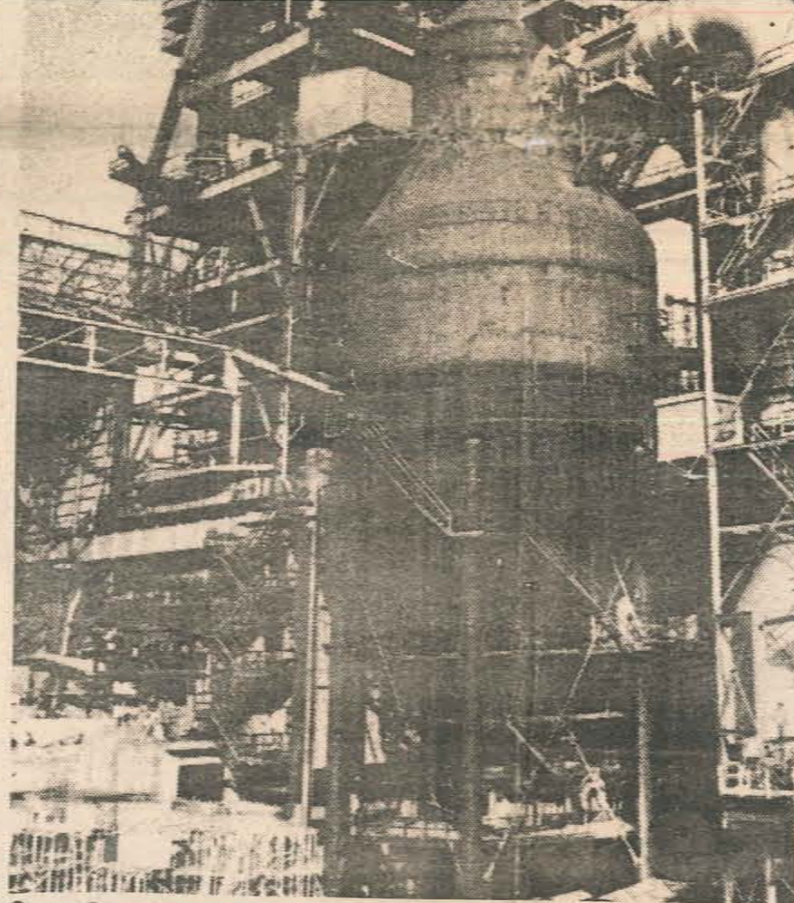
Pessoal

Para isso, a administração da Companhia Siderúrgica de Tubarão preparará os 4.674 empregados necessários no primeiro estágio para lidar com estes equipamentos sofisticados. Entendimentos estão sendo mantidos com o Senai e com os responsáveis pelo ensino técnico no Estado para serem iniciados logo os programas de treinamento. A mão de obra de maior qualificação será treinada em outros centros siderúrgicos brasileiros e no exterior.

Em recente entrevista, o engenheiro Ary Martins, presidente da CST, lembrou as diversas etapas iniciais das negociações relacionadas com a viabilização da siderúrgica, desde os entendimentos com os acionistas estrangeiros interessados no empreendimento - a Kawasaki Steel e a Finsider, até as conversações com as



A Companhia Vale do Rio Doce proverá a CST de minério de ferro



Com a Companhia Siderúrgica de Tubarão, o Espírito Santo conseguirá destaque como exportador de aço

e considerado um dos doze maiores do mundo. O confronto das toneladas mostra que o de Tubarão terá uma capacidade de 60 por cento superior.

A Usina de Tubarão será construída em etapas: a primeira, a ser concluída nos próximos 36 meses, está dimensionada para três milhões de toneladas por ano e deverá estar operando em 1980. Em seguida começará a segunda etapa, para duplicar esta capacidade, num prazo de 30 a 36 meses. Quando atingir 6 milhões de toneladas, estará entre as maiores do mundo, sendo que o projeto admite uma produção de até 12 mil toneladas por ano, considerado atualmente o nível econômico ótimo de uma usina de aço.

Recursos

Para o presidente da CST, a siderurgia é uma atividade econômica que se caracteriza pela movimentação de grandes massas, seja de matérias-primas ou de recursos financeiros. Em termos de investimento, por exemplo, as estimativas iniciais de custo são da ordem de dois bilhões de dólares para o primeiro estágio, isto é, para a produção de três milhões de toneladas, o que corresponde a cerca de 700 dólares por tonelada instalada de capacidade.

Quanto aos insumos uma usina movimenta, em média, de 4 a 5 toneladas, por tonelada de aço produzido. Isto significa que a usina de Tubarão vai fazer solicitações da ordem aproximada de 15 milhões

Em recente entrevista, o engenheiro Ary Martins, presidente da CST, lembrou as diversas etapas iniciais das negociações relacionadas com a viabilização da siderurgia, desde os entendimentos com os acionistas estrangeiros interessados no empreendimento - a Kawasaki Steel e a Finsider, até as conversações com as autoridades estaduais, da Companhia Vale do Rio Doce, Cesan, Escelsa, Petrobrás e Furnas.

Ary Martins recordou que em março de 1974 criou-se uma empresa piloto, com a finalidade de executar o projeto básico e o estudo de viabilidade final. Constituíram-se diversos comitês, para engenharia básica, pesquisa de laboratório e estudos geotécnicos, para mão de obra, para matérias-primas e combustíveis e outros.

Todos esses comitês estiveram estudando a concepção da usina, seu projeto básico, suas necessidades, pesquisas e fluxos de materiais, inclusive treinamento de pessoal no Brasil e no exterior. O protocolo que regula os entendimentos entre as partes prevê a construção de uma usina através de um consórcio, composto pela Companhia Brasileira de "Projetos Industriais" - Cobrapi, uma subsidiária da Companhia Siderúrgica Nacional, que representa a Siderbrás, a Kawasaki e a Italmiante, esta subsidiária italiana da Finsider. A Cobrapi liderará as firmas brasileiras que participarão do empreendimento.

A Vale também contribui para a economia serrana

Na concepção do governador Élcio Álvares, o mais importante papel de agente de transformação no desenvolvimento estadual está ligado à Companhia Vale do Rio Doce. Segundo ele, é importante destacar-se que a magnitude do volume operacional da empresa motivou a implantação, em torno da Grande Vitória, principalmente, de uma moderna infra-estrutura econômica destinada a dar suporte às atividades, infra-estrutura que hoje está possibilitando a implantação dos projetos de grande porte voltados para o comércio exterior, como o siderúrgico, o portuário e o de reparação naval.

Argumentando, o chefe do executivo estadual afirmou que "se nos dispusermos a uma análise mais profunda de toda a contribuição que direta ou indiretamente a companhia empresta ao estado, veremos certamente que a importância supera sobremaneira a capacidade de avaliação do homem comum", discordando dos poucos que insistem em desconhecer a presença da empresa no progresso do Espírito Santo.

Afirmou Élcio Álvares que pode-se proclamar que a Vale transformou-se na viga mestre do desenvolvimento sócio-econômico do Estado. Adiantou ainda que a CVRD está perfeitamente integrada não apenas nos setores produtivos da vida estadual, mas até mesmo institucionalizada social, e politicamente inclusive do ponto de vista histórico, em todas as manifestações dinâmicas da comunidade espírito-santense. Segundo ele,

milhares de funcionários da empresa, formam hoje um contingente importante entre os capixabas.

Referindo-se ao consumo argumentou o chefe do executivo que "esse valioso contingente não apenas fortalece o mercado de consumo interno, principalmente pelos altos salários pagos pela Companhia Vale do Rio Doce, mas contribui de modo efetivo para a circulação de riquezas geradoras das receitas públicas, que em utilização das obras indispensáveis ao melhor equipamento urbano da comunidade".

Falou com bastante segurança o Governador do Estado que "neste particular é ainda a Vale um valioso aliado do Governo cujas metas, de todo identificadas na política de valorização do homem, institucionalizada pelo presidente Ernesto Geisel "não se limitam aos aspectos do crescimento econômico, mas ao contrário, se dilatam em busca da conquista da paz social e política do povo brasileiro.

Destacou também a viabilização dos grandes projetos de impacto sócio-econômico no rol das induções indiretamente abertas pela CVRD, para o desenvolvimento estadual, decorrentes da moderna infra-estrutura exigida pela empresa para o seu pleno desempenho operacional, no que diz respeito a complexo portuário-ferroviário, energia elétrica, comunicações e outros, o governador fala sobre as usinas de transformação de minério fino em pellets, na área física do

porto de Tubarão, "hoje responsável pela exportação de cinco milhões de toneladas anuais, e os investimentos que a CVRD está fazendo em reflorestamento, no norte do Estado, destinados à formação de matéria-prima para instalação de uma futura indústria de celulose. Isto como fatores comprovatórios de uma intensiva preocupação da empresa em ampliar sua, já notória, participação no desenvolvimento da região.

A Vale do Rio Doce mantém um fundo próprio para a aplicação da infra-estrutura do desenvolvimento regional. Argumentou referindo-se ao Fundo de Desenvolvimento da Região no Vale do Rio Doce, através do qual ela tem participado de maneira significativa do processo de desenvolvimento estadual.

Como exemplo, cita o convênio assinado entre a empresa e o Banco de Desenvolvimento Econômico do Estado do Espírito Santo - Bades, para repasse de recursos financeiros e empresas sediadas no estado, através do qual o empresário capixaba alcança possibilidade de participar do progresso econômico regional, uma compensação para os esforços que durante muitos anos desempenhou, como coluna de apoio da economia regional nas épocas de maiores dificuldades.



Exportação de minério: fonte permanente de divisas

AJIS657-2



Sede do Executivo municipal: uma das muitas realizações da administração Aldary Nunes

Serra é beneficiada com administração Aldary Nunes

Junto ao Palácio Municipal, ergue-se, hoje, a Câmara de Vereadores, igualmente majestosa e dentro das necessidades não somente atuais como futuras do município. O prefeito Aldary Nunes construiu ainda várias outras obras, visando principalmente ao bem estar social da população.

O Mercado da Serra, a praça João Miguel, abertura de ruas em Jacaraípe, Carapina, Laranjeiras, na sede e em outros locais do município, além da iluminação de bairros e balneários do município, foram algumas das realizações do prefeito Aldary Nunes.

Extensão de novas redes de esgotos e melhoria das já existentes, construção da ponte de Pitanga, velha aspiração da população local, edificação de diversas escolas, a fim de melhorar a assistência escolar às crianças.

Serra, há bem pouco tempo, não possuía um único posto médico. O prefeito Aldary Nunes construiu 17, que hoje se encontram funcionando e levando a assistência médico-

rante o período em que estiveram à frente da administração dos seus municípios. Com o mesmo entusiasmo e dinamismo inicial, o prefeito da Serra chega ao fim do seu mandato com uma quantidade invejável de realizações em benefício da comunidade serrana.

Serra, atualmente, deixou de ser apenas um modesto município produtor de abacaxi, para se transformar no mais importante pólo industrial do Espírito Santo. É lá que serão implantados grandes projetos industriais. E o prefeito Aldary Nunes, consciente do desenvolvimento que está para chegar, prepara, com o apoio dos governos estaduais e federal, a infra-estrutura necessária.

Realizações

Durante a administração Aldary Nunes várias obras foram realizadas. Uma delas, o Palácio Municipal, inaugurado recentemente

das ruas e vias de acesso, implantado sistema de iluminação, melhoria e construção de redes de esgoto e de água.

Bairros

Um extenso serviço foi executado nos bairros e Distritos da Serra pela administração Aldary Nunes. Em São Domingos foi executada a extensão da rede de água e colocação de luminárias. O mesmo ocorreu em Caçaroca, Roncador, Vila Nova, Campinho da Serra, Jardim Limoeiro, São Sebastião, Laranjeiras.

Em Muribeca, além da extensão da rede de água e da colocação de luminárias, o prefeito Aldary Nunes construiu 2.800 metros de esgotos, a partir do asfalto até o viaduto da Companhia Vale do Rio Doce. Foram construídas, também, escolas municipais.

São Sebastião recebeu também o seu serviço de esgoto, e abriu mais escolas, além de ter suas ruas melhoradas por máquinas da Prefeitura. Em Laranjeiras, a Prefeitura reali-



Prefeito municipal, Aldary Nunes é povo, e prova disto é que conseguiu eleger seu candidato à sucessão do Executivo serrano



...estrutura necessária.
ponte de Pitanga, velha aspiração da população local, edificação de diversas escolas, a fim de melhorar a assistência escolar às crianças.

Serra, há bem pouco tempo, não possuía um único posto médico. O prefeito Aldary Nunes construiu 17, que hoje se encontram funcionando e levando a assistência médico-sanitária às mais distantes concentrações populacionais do município.

Porém, todas as realizações do prefeito Aldary Nunes, objetivando modernizar e dotar Serra de melhores condições de vida, não procuraram exterminar as tradições culturais da população. Assim, as manifestações folclóricas foram incentivadas, a fim de preservar os mitos do povo serrano.

Além disso, o turismo vem sendo um dos pontos importantes.

Entre os prefeitos que estão chegando ao final do mandato, no Espírito Santo, o da Serra, Aldary Nunes, se encontra junto aos que maior número de obras executaram du-

Realizações

Durante a administração Aldary Nunes várias obras foram realizadas. Uma delas, o Palácio Municipal, inaugurado recentemente com a realização de uma festa, onde a concentração popular demonstrou o carinho que a população serrana dedica ao seu administrador.

O Palácio Municipal da Serra é um edifício majestoso, construído dentro das modernas técnicas de engenharia. O prefeito Aldary Nunes adquiriu todos os móveis, máquinas elétricas, arquivos, aparelhos de ar condicionado e outros equipamentos indispensáveis ao bom andamento da máquina administrativa, da administração Aldary Nunes. Os balneários Jacaraípe e Mangueiros, além de outros, vêm merecendo especial atenção. Nesses locais foram construídas praças, abertas e melhora-

Aldary Nunes construiu 2.000 metros de esgotos, a partir do asfalto até o viaduto da Companhia Vale do Rio Doce. Foram construídas, também, escolas municipais.

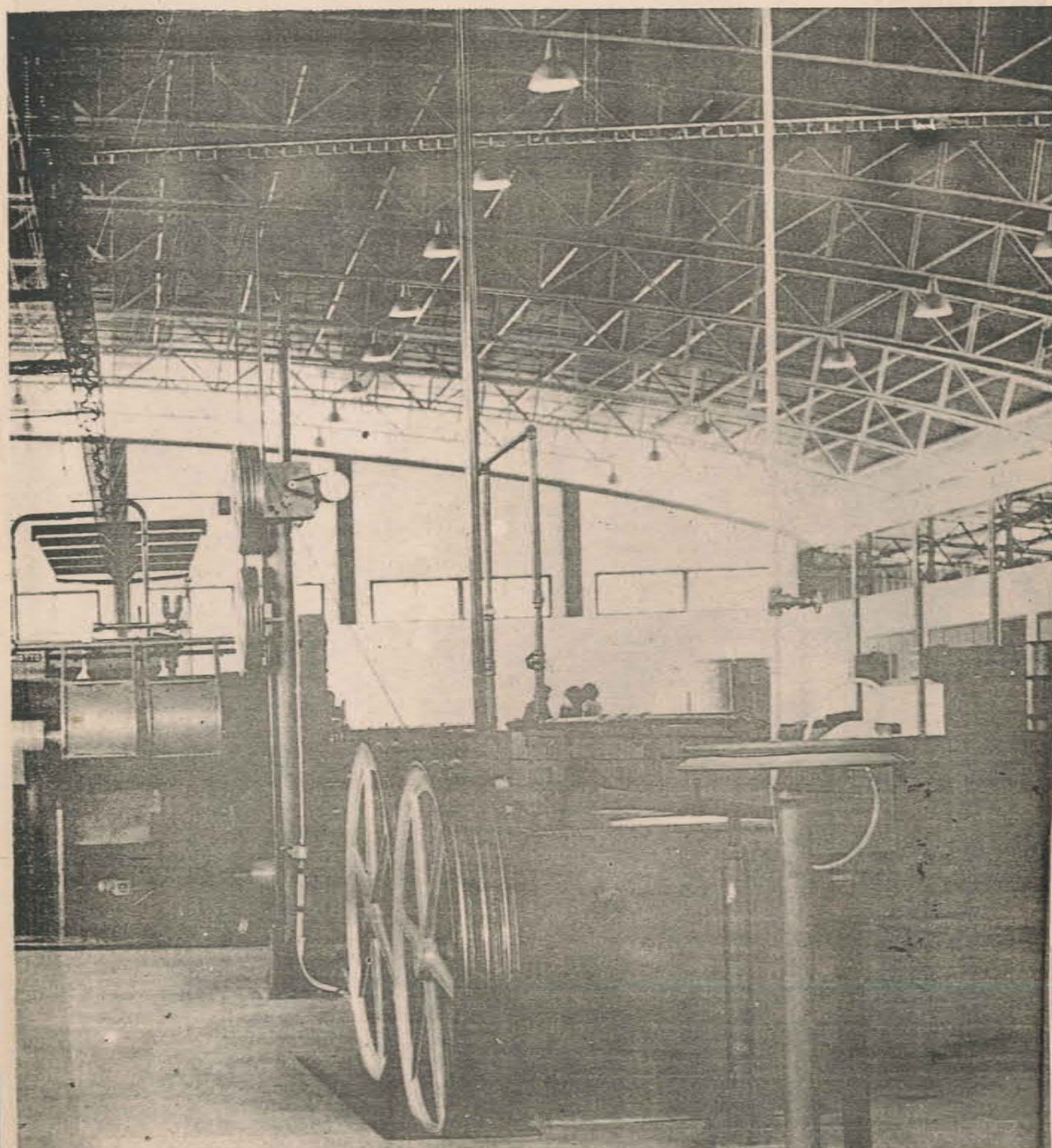
São Sebastião recebeu também o seu serviço de esgoto, e foram mais escolas, além de ter suas ruas melhoradas por máquinas da Prefeitura. Em Laranjeiras, a Prefeitura realizou a extensão da rede de água e colocou luminárias, a começar da subestação da Escelsa. Edificou escolas e dois postos médicos.

Visando melhorar as comunicações e o escoamento da produção agrícola, a Prefeitura realizou a abertura de estradas em Chapada Grande, que ganhou também uma ponte que dá acesso a várias propriedades rurais. Em Concheiras foi feita a rede de energia elétrica.

Em Carapebus, a Prefeitura recuperou uma praça de esportes, instalou iluminação pública em quase todas as ruas. Esse serviço em muito veio contribuir para melhoria das condições de vida da população.



Abacaxi: uma das riquezas agrícolas do município serrano



As indústrias representam a nova característica do município, que deixa suas tradições agrícolas para abrigar grande número das empresas que se implantam na área da Grande Vitória



igreja da Serra é uma das muitas atrações turísticas do município